

OS RUÍDOS MODERNOS E A INCOMPLETUDE HUMANA: A MANIFESTAÇÃO DO VAZIO EXISTENCIAL NA ERA DIGITAL

MODERN NOISE AND HUMAN INCOMPLETENESS: THE EXISTENTIAL EMPTINESS MANIFESTATION IN THE DIGITAL AGE

Renan Moreira Garcia¹

Resumo: Ao refletir o papel do homem no mundo, muitas respostas podem surgir. Enquanto para alguns a realização pessoal constitui-se de uma vida regrada e reclusa, oculta aos olhos da sociedade, para outros é impensável sentir-se completo e feliz sem ter sobre si o brilho dos holofotes. Para Zygmunt Bauman, expor-se tornou-se uma regra em nossa sociedade confessional e as redes sociais se tornaram meio de autopromoção, fazendo do usuário um produto na prateleira à espera de um comprador. Uma chave de leitura também pode vir da Logoterapia de Viktor Frankl, onde a busca de sentido recebe lugar de destaque em seu pensamento. Não obstante, a noção de Divertimento apontada por Blaise Pascal é também norteadora neste estudo. O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão acerca das diversas manifestações do vazio existencial na vida humana, sobretudo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Incompletude. Vazio Existencial. Sentido da Vida. Era digital.

Abstract: Reflecting man's role in the world, many answers may arise. While for some people personal fulfillment is a life of rule and seclusion, hidden from the eyes of society, for others it is unthinkable to feel complete and happy without having the glow of the spotlight. For Zygmunt Bauman, exposure has become the norm in our confessional society, and social networking has become a means of self-promotion, making the user a product on the shelf waiting for a buyer. A key reading can also come from Viktor Frankl's Logotherapy, where the search for meaning takes center stage in his thinking. Nevertheless, the notion of Enjoyment pointed out by Blaise Pascal is also guiding in this study. The aim of this paper is to propose a reflection on the various manifestations of the existential void in human life, especially in contemporary times.

Keywords: Incompleteness. Existential emptiness. Meaning of life. Digital age.

Introdução

O caminho cotidiano trilhado pelo homem contemporâneo é, cada vez mais, abarrotado de compromissos. Diariamente, bilhões de pessoas saem de suas casas para exercer as mais diversas funções para prover o próprio sustento e de seus dependentes. Encadeiam-se semanas e semanas de trabalhos, com pequenas folgas no intervalo entre elas – que são esperadas como se fossem o momento de maior preenchimento e a razão de todo sofrimento. No entanto, existem alguns momentos nos quais, regularmente, a

¹ Graduando em Filosofia e Teologia pela Faculdade João Paulo II – FAJOPA. E-mail: renanmgarcia@gmail.com

sensação de alegria proveniente do descanso e da calma do final de semana dá lugar à melancolia.

É muito recorrente que, no cair da tarde de domingo, os indivíduos experimentem uma mistura de angústia e ansiedade, de inquietação e medo, que os leve a questionar seu papel no mundo e o sentido de sua existência. Fato é que, por ser tão comum para muitas pessoas, tal comportamento passou a ser objeto de estudo da Psiquiatria, recebendo o nome de “neurose dominical”, por Viktor Frankl, e sendo apontado como um momento em que o nosso vazio interior se torna manifesto. É sobre esse vazio interior que o presente texto quer se debruçar.

A intenção aqui não é analisar tal fenômeno de maneira niilista e, muito menos superficial, reduzindo-o à mero sentimentalismo ou classificando-o como uma doença psíquica, cuja solução se dá somente pela prescrição medicamentosa. O objetivo deste trabalho é compreender a busca de sentido e o vazio existencial em diversos períodos históricos, contemplando as consequências nas mais diversas condições: do geocentrismo ao antropocentrismo, do sofrimento e tortura do holocausto, da agonia de Auschwitz ao deleite das redes sociais². Em síntese, nosso objetivo é tocar o que existe de mais intimamente humano e buscar caminhos que auxiliem na busca de individuação.

1. Uma visão de completude em retrospectiva histórica

Refletir acerca do problema da completude é sempre muito delicado, pois muitos elementos devem ser levados em conta, sobretudo o contexto histórico. Entende-se por este problema o questionamento acerca daquilo que, essencialmente, dá sentido para a existência humana, os elementos fundamentais da vida, responsáveis pela felicidade e o sentimento de preenchimento. Em outras palavras, o que produz no ser humano a sensação de “estar inteiro”. Nesse sentido, faz-se necessário que, antes que se tente compreender profundamente o homem moderno, percorramos um breve percurso diante de sua história.

É imprescindível ressaltar que não se pode analisar períodos históricos passados com os olhos do presente. Corre-se o risco de adotar uma posição arbitrária diante dos problemas, interpretando como tolice uma crença acerca da qual – com base nos sentidos

² Denominamos “redes sociais” as estruturas *online* que permitam a troca de informações de seus usuários e a mútua interação. Exemplos disso são: WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter, entre outras.

e utilizando a tecnologia da época– é perfeitamente possível chegarmos à mesma conclusão.

Fato é que, durante muito tempo, o conhecimento cosmológico foi fundado na concepção aristotélica de mundo. Para Aristóteles, a Terra era o centro do universo. Lua e Sol revezavam o tempo no céu. Além disso, os demais elementos também haviam seu lugar pré-estabelecido:

Seu Universo formava um todo, onde cada constituinte possuía seu lugar próprio, estabelecido conforme sua natureza: o elemento terra, mais pesado, posicionava-se no centro desse Universo, enquanto os elementos mais leves, água, ar e fogo, iam formando “camadas” concêntricas em torno. Assim, segundo a física aristotélica, os corpos, deixados por si, ou seja, na ausência de forças aplicadas sobre eles, realizariam espontaneamente movimentos buscando retornar às posições que lhes são apropriadas: os elementos mais pesados, a terra e a água, movendo-se em direção ao centro do Universo, enquanto os mais leves, o ar e o fogo, movendo-se para cima, afastando-se do centro. A queda dos corpos sólidos abandonados no ar encontrava sua explicação na naturalidade deste movimento em direção ao centro do Universo. (PORTO; PORTO, 2008, p. 4601-2)

Habitar neste mundo, onde tudo acontece em função da Terra, fazia com que o ser humano se considerasse privilegiado por ser quem é.

Além disso, a concepção religiosa judaico-cristã, predominante em muitas civilizações, gerou no homem uma certa estabilidade, colocando-o no lugar de destaque, ou seja, no centro da criação, tendo em vista que as narrativas criacionistas enfatizam o homem enquanto destinatário da criação, inclusive atribuindo a ele o poder de “dominar” todas as criaturas.

A finalidade da existência do ser humano, segundo a religião dominante, não era outra senão os céus. Devido ao valor da alma humana, Deus não apenas criou um lugar isento de tristezas e sofrimentos, mas também anseia e auxilia o fiel para atingi-lo, desejando passar a eternidade em sua companhia. A condenação eterna, apesar de possibilidade, não é querida por Deus.

Compreender-se pleno de significado e enxergar sua vida plena de sentido permitia ao ser humano manter sua base firme diante do mundo e de si mesmo. No fundo, o que tudo isso significava era que o homem tinha um porquê para lutar, tinha um motivo para viver, ainda que este motivo para viver a vida estivesse para além da vida.

Tal concepção acerca do mundo, dos astros e de si mesmo durou até o final do século XVII. Neste período, a humanidade enfrentou uma grandiosa e significativa mudança: a Revolução Copernicana, como um desmembramento dos descobrimentos de Nicolau Copérnico, causando uma perda de referenciais importantes para o indivíduo, vista por diversos pensadores como uma das maiores revoluções na história do pensamento humano.

O rompimento com a tradição feito pelos avanços propostos por Copérnico influenciou de tal modo a vida das pessoas que desenvolveu nelas uma mudança visível de comportamento, de mentalidade e de concepção acerca de si mesmo e de todo o universo que o cerca. Ao abalar os alicerces do conhecimento cosmológico, tudo aquilo que cercava o ser humano também precisou ser repensado, gerando uma grande mudança de mentalidade.

De modo ainda mais significativo, a Revolução Copernicana abalou drasticamente a forma do homem enxergar a si mesmo e também o seu relacionamento com a divindade. Afinal de contas, é necessário ter em vista que a Terra, que até então estava no centro do universo, passou a ser somente mais um planeta orbitando ao redor do Sol.

Perdeu-se o privilégio espacial do planeta. Perdeu-se também o privilégio existencial do homem. Descobre-se que a terra não está fixa, mas em movimento. O homem também sente o desejo de movimentar-se e trilhar novos caminhos, realizando suas vontades e construindo seus próprios ideais, sem necessitar de terceiros para isso. Sob a ótica da antropologia cristã, ao romper com sua religiosidade, o homem não consegue compreender plenamente sua identidade e passa a caminhar sem rumo, já que é a busca de transcendência que dá sentido aos seus sofrimentos diários.

Sem sofrer a ação corretiva de um Tu divino, o homem-deus começou a sofrer de um ego superdesenvolvido. Além disso, depressa se tornou tão grande que já não cabia no seu mundo, e começou a comportar-se como um elefante numa loja de porcelanas, destruindo tudo a sua volta. (HALIK, 2016. p. 152)

Neste novo período histórico, predomina-se a subjetividade e as experiências pessoais dos indivíduos. A organização social e humana fica desestabilizada. A religião, apesar de presente no cotidiano das pessoas, perde grande parte de sua força.

O ser humano, que outrora era subjugado à divindade e buscava a transcendência, passou a preocupar-se mais com outras questões. Havia um universo a se descobrir e pensar num mundo metafísico parecia não ter mais tanto encanto quanto o mundo físico

que se abria diante de seu horizonte. Além disso, não era mais necessário negar-se a si mesmo como ensinava a moral religiosa, pois os alicerces do além-da-vida estavam abalados. Segundo Halik (2016, p. 152), a proposta humanista de emancipação humana deu lugar ao superdesenvolvimento de seu ego.

Ao abandonar a necessidade de se ter um Deus a quem servir, grande parte do sentido da vida também foi perdido. Em outras palavras, a perda da religiosidade acarretou a perda de identidade, já que os objetivos para enfrentar a vida deixaram de estar na religião e passaram a habitar a vontade humana.

Deste modo, as transformações ocorridas na sociedade implicam, muitas vezes, em transformações diretas na vida e comportamento dos indivíduos, tendo em vista as profundas mudanças que podem acarretar. Assim sendo, quando há uma grande transformação social, pode haver uma ressignificação de sentido a tal ponto que o ser humano necessite se reinventar e reinventar os porquês de sua existência. Em comparação a outros períodos históricos, uma característica própria da contemporaneidade é, de certo modo, o desconhecimento de um sentido comum para a existência humana.

Atualmente, o nosso tempo é marcado por um bombardeio de informações, advindas de muitos lugares e apresentada de muitas formas, sobretudo de maneira virtual (*online*), onde uma tela representa um universo de possibilidades. Conforme Moraes (2018), o mundo mediado por telas, pelo digital, no qual as ações cotidianas também são agora realizadas por intermédio de algum artefato tecnológico, apresenta mudanças profundas na relação dos indivíduos com eles mesmo, entre si e com o ambiente em que vivem. Devido ao processo de imersão profunda em um meio digital composto por um número gigantesco de informações, é comum afirmarmos que estamos numa sociedade da informação.

Sem dúvidas é impossível retroceder. Não se pode mais voltar para o tempo da comunicação por cartas, nem varrer para debaixo do tapete a produção de tecnologias que trabalha a todo vapor. Vivemos na era das redes sociais, que possibilitam uma comunicação instantânea, rompendo as barreiras e causando grandes impactos na vida dos indivíduos.

Lidar com esta realidade é algo extremamente complexo. É necessário que se compreenda não apenas o uso de um aplicativo, mas sobretudo as implicações éticas que derivam dele (MORAES, 2018). Publicar na internet uma informação desconexa³ com a

³ Tamanha é a relevância disso que o dicionário britânico *Collis*, no ano de 2017, elegeu o termo “*Fake News*” como a palavra do ano. Nesse sentido, quando uma informação inverídica é lançada nas redes sociais

realidade possui uma consequência potencial muito mais abrangente do que fora do ambiente virtual.

Num tempo de bombardeios de informações não são poucos os casos de ansiedade e outros transtornos psíquicos provenientes de tal condição. Não há tempo para ruminar as informações captadas. Tomamos tudo como verdade, sem, no entanto, nos questionarmos acerca da confiabilidade da informação.

2. O problema na contemporaneidade

Em fevereiro de 2018, graças à indicação de uma youtuber, deu-se início à uma explosão de leitores em busca de um livro infantil, intitulado “A Parte que Falta”, de Shel Silverstein. A obra em questão narra a jornada de um personagem que se sente incompleto, que passa a vida toda buscando a parte que faltava em si mesmo. Tal incompletude é simbolizada pela própria ilustração do personagem: um círculo faltando uma parte.



Figura 1: Capa do livro “A parte que falta” (SILVERSTEIN, 2018)

Na trama, encontrar a parte que completaria a ausência significaria, para o personagem, encontrar a felicidade plena. Movido por tamanho anseio, o personagem

como verdadeira, pode causar danos inimagináveis, sobretudo devido a rapidez de reprodução das mesmas, influenciando a vida e as decisões humanas em pequena e grande escala (do individual ao global).

percorre diversos caminhos em busca de algo que compense o vazio existencial que limita a sua felicidade.

As situações ilustradas na história são muitas. No decorrer da vida, aquele círculo incompleto se depara com diversas situações e personagens. Não obstante, nada parece preenchê-lo. Deste modo, o leitor é interpelado a olhar para si mesmo e perceber que, de uma maneira ou de outra, se assemelha ao personagem principal.

A realidade é que todos os indivíduos são muito parecidos com aquele círculo incompleto, limitado, em busca de algo que preencha um espaço vago que habita a interioridade humana – que denominamos “vazio existencial”. Ocorre, porém, que preencher tal espaço não é tão fácil quanto parece.

Tal como o personagem da obra, muitas vezes durante o caminho, nos encontramos em situações que, metaforicamente, se assemelham aos buracos, paredes, pântanos e matagais. Também nos deparamos com pessoas e nos relacionamos com as mesmas na tentativa de nos sentirmos preenchidos. Tal como o personagem central da obra, vivemos a vida buscando a parte que falta em nós.

Em dado momento, embora esteja fisicamente completo, o círculo imperfeito continua com o sentimento de incompletude. Deste modo, fica evidente que a ausência no personagem não é meramente física, mas ontológica. Não lhe falta uma parte apenas em seu corpo, mas sobretudo em sua alma. Percebe, portanto, que a felicidade não está em buscar fora, mas sim em buscar dentro.

A grande questão que nos cerca é, no entanto, como preencher o espaço vago que em nós habita? Em outras palavras, o que fazer para estar inteiro, completo? Além disso, quais passos devem ser dados para que própria imagem, ao ser apresentada aos outros, seja fiel à realidade e não manipulada ou mascarada?

Acerca deste ponto, vale nos debruçarmos acerca da obrigatoriedade imposta pela sociedade de estarmos o tempo todo no centro dos holofotes, sendo repudiável a postura de recolhimento e anonimato. Proponho que analisemos uma obra de ficção lançada nos Estados Unidos no ano de 2016 sob o título “*The Young Pope*”⁴ – “*O Papa Jovem*” em sua tradução literal. Na obra em questão, é nos apresentado um personagem fictício que fora eleito no conclave anterior e tornou-se, assim, o novo chefe da Igreja e, – sob a ótica da fé – o vigário de Cristo na Terra.

⁴ Uma série de televisão criada e dirigida por Paolo Sorrentino.

Acontece, no entanto, que o novo papa – Pio XIII – apresenta características opostas aos seus antecessores, sobretudo no que diz respeito à sua relação com a mídia. O sumo pontífice, já nos primeiros episódios da série, deixa claro a sua aversão à fama e aos eventos midiáticos, de tal modo que uma de suas primeiras ações ao assumir a cátedra de Pedro é a de demitir os fotógrafos oficiais do Vaticano e aniquilar seus retratos de todos os produtos oficiais comercializados pela instituição, o que é visto como um “suicídio midiático”.

Na busca de abster-se dos holofotes, o pontífice raramente comparece à eventos com jornalistas e fieis e, quando o faz, fica de costas para o público para que ninguém enxergue a sua face. Além disso, afirma ter treinado a vida inteira para ser um papa invisível e inacessível, deixando de ser uma celebridade e se tornando um mistério.

O ato do personagem de contrariar totalmente os seus antecessores, ao buscar uma vida mais “recolhida” e anônima, faz-nos questionar acerca da transformação do homem em mercadoria. Obviamente é necessário ao Papa estar próximo da mídia, pois o mesmo não é somente um líder religioso, mas também um chefe de Estado⁵, de modo que seus pronunciamentos públicos sejam o principal meio para comunicar-se com o seu rebanho ao redor do mundo. Entretanto, a série faz-nos questionar acerca da venda de sua imagem e também da nossa.

Afinal de contas, a autoimagem apresentada ao mundo realmente corresponde à verdade dos fatos ou criamos personagens para forjar uma imagem? Será mesmo que todos os sorrisos postados nas redes sociais são verdadeiros ou são meros acessórios sendo utilizados como uma máscara de recobre a imagem que queremos passar a nosso respeito?

Quando a intenção do usuário é passar uma imagem positiva a seu respeito e gerar o sentimento de inveja aos seus “seguidores”, posta-se fotos dos restaurantes mais badalados da cidade, das viagens mais caras, dos momentos mais prazerosos, mas omite-se aquilo que é tido como pouco valioso cotidianamente. Varre-se para debaixo do tapete as decepções, os boletos atrasados, a doença na família, os momentos de choro. Mostra-se o que possui valor e capacidade de gerar interesse aos outros. Omite-se aquilo que é frágil, que não promove a imagem de maneira positiva.

⁵ Desde o ano de 1929, com a assinatura do Tratado de Latrão, a Cidade do Vaticano é reconhecida como um Estado independente da Itália. Desta forma, o papa é, além de líder religioso, líder político do menor país existente no mundo.

De igual modo, quando a intenção é comover os outros indivíduos, basta a mínima dificuldade (sendo ela real ou fictícia) para gerar desabafos e mais desabafos, frases pessimistas compartilhadas nas mais diversas plataformas. Também há aqueles que aproveitam para postar “indiretas”, isto é, mensagens compartilhadas em modo público, porém destinadas à uma pessoa específica ou a um grupo seletivo, sem que isso fique plenamente explícito. Aqui omite-se tudo o que possa trazer felicidade e seleciona-se tão somente elementos constituintes do “vale de lágrimas” que o indivíduo quer mostrar como sendo sua vida.

O mesmo vale também para aqueles que querem passar uma imagem de “bem-humorados”: anula-se a dor e o sofrimento, promove-se “memes” que podem levar o seguidor a acreditar em sua descontração. Omite-se tudo aquilo que por não ser divertido está impedido de fazer parte do parque de diversões e promove-se o que causa riso, como se a vida fosse um eterno alegrar-se.

Afinal de contas, qual a fronteira entre o papel do personagem desempenhado e o real? Até onde nos é permitido desempenhar um papel de maneira sadia? A origem do termo “persona”, muito presente na psicologia analítica enquanto um arquétipo, remonta aos tempos antigos, onde os atores utilizavam máscaras para interpretar seus papéis. De igual modo, todos os seres humanos estão sujeitos a utilizar máscaras que nos ajudem a moldar nosso comportamento mediante à impressão que queremos causar em decorrência do papel que interpretamos.

Os arquétipos, tal como cunhado por Carl G. Jung, estão presentes no inconsciente – não o individual, mas sim o coletivo. Vejamos:

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 2000. p. 51)

Verdadeiramente, aquele que olha o espelho da água vê em primeiro lugar sua própria imagem. Quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo. O espelho não lisonjeia, mostrando fielmente o que quer que nele se olhe; ou seja, aquela face que nunca mostramos ao mundo, porque a encobrimos com a persona, a máscara do ator. Mas o espelho está por detrás da máscara e mostra a face verdadeira. (JUNG, 2000. p. 30)

O uso de máscaras é, essencialmente, natural e sadio ou pode representar um risco à saúde mental do indivíduo e à sua integração pessoal? Quanto a isso, nos responde Jung:

O mundo exige um certo tipo de comportamento e os profissionais se esforçam por corresponder a tal expectativa. O único perigo é identificar-se com a persona, como por exemplo, o professor com o seu manual, o tenor com sua voz; daí a desgraça. É que, então, se vive apenas em sua própria biografia, não se é mais capaz de executar uma atividade simples de modo natural. (JUNG, 2000. p. 128)

Após confrontar-se com a persona e superá-la, a tarefa humana adquire um novo sentido: já não mais lidar com o seu sistema de defesa (persona), mas sim com sua face mais íntima e verdadeira: a sombra⁶. Nela encontramos tudo aquilo que não aceitamos em nós mesmos e, ao reprimir, projetamos nos outros.

Partindo disto, é necessário nos questionarmos acerca de como o nosso comportamento nas redes sociais pode influenciar o nosso processo de amadurecimento, corrompendo até mesmo nossa autoimagem. É por meio do confronto da persona e da sombra que o ser humano consegue avançar no processo de individuação, desenvolvendo a personalidade de maneira sadia e conhecendo seus limites e potencialidades. Caso não tenha coragem o suficiente de superar o papel desempenhado, ficará preso à máscara, não se desenvolvendo enquanto indivíduo, mas sim e tão somente enquanto papel social.

No ambiente virtual não apenas utilizamos máscaras, como também – na maioria das vezes - buscamos aniquilar qualquer imperfeição que ofereça risco de macular a imagem que pretendemos vender a nosso respeito. Desse modo, não há espaço para expor as fragilidades, para o reconhecimento das limitações. A motivação encontrada no meio virtual está muito mais relacionada à exposição do que é positivo do que negativo.

A tarefa humana frente ao desempenho de papéis equivale justamente à superação do comportamento do personagem em vista da integração, da individuação. Somente superando o papel desempenhado e buscando desenvolver sua individualidade é que o ser humano consegue realizar-se plenamente. Vejamos:

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entenderemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois, traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si mesmo’ (Verselbstung) ou ‘o realizar-se do si mesmo’ (Selbstwerwirklichung). (JUNG, 1978. p.49)

⁶ “A sombra coincide com o inconsciente freudiano e com o inconsciente pessoal junguiano” (SILVEIRA, 1983, p. 92).

Tendo em vista o mundo ao nosso redor, é muito difícil apresentar uma única e eficaz resposta que consiga solucionar tal questão ou que demonstre com exatidão a origem do sentimento de incompletude e também da manipulação da autoimagem. Entretanto, podemos compilar teorias de alguns pensadores que possam nos auxiliar a expandir nossa visão sobre o tema. No presente artigo, utilizaremos a base filosófica dada por Blaise Pascal, unida ao pensamento sociológico de Zygmunt Bauman e a Logoterapia de Viktor Frankl. Por fim, propomos também uma reflexão acerca da relação entre o silêncio e a espiritualidade na busca de um sentido, tendo como base elementos logoterapêuticos e a experiência dos campos de concentração.

3. Análises da problemática

3.1. A sociedade confessional de Bauman

Falar sobre Zygmunt Bauman é, impreterivelmente, falar acerca da fluidez de nossos tempos, da falta de solidez de nossa sociedade. É evidente o quanto as relações estão líquidas: tudo se transforma de maneira instantânea, adquirindo nova forma, atribuindo um valor diferente do que fora experimentado, evidenciando a rapidez com que tudo é transformado.

Não obstante, apesar de ter ganhado destaque na mídia quanto à liquidez generalizada em nossa sociedade, Bauman possui também outras contribuições para a análise social. Ao analisar o comportamento dos indivíduos do século XXI, Bauman não deixa de se debruçar acerca dos relacionamentos virtuais e do comportamento dos indivíduos nas redes sociais.

Tendo em mente o atual cenário mundial, compara o surgimento de uma nova rede social ao de um novo bar ou restaurante inaugurado numa área nobre. Deste modo, basta que algo seja novo para atrair a atenção na busca de “estar no topo”. Tal situação fica evidente ao analisarmos as migrações entre as redes sociais que acontecem atualmente. Basta uma nova funcionalidade para que o atual perca a preferência do público e o novo seja almejado.

Obviamente, os inventores e promotores das redes eletrônicas tocaram uma corda sensível – um nervo exposto e tenso que há muito esperava o tipo certo de estímulo. Eles podem ter motivos para se vangloriar de

terem satisfeito uma necessidade real, generalizada e urgente. E qual seria ela? “No cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais.” Os usuários ficam felizes por “revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais.”, “fornecerem informações precisas” e “compartilharem fotografias”. (BAUMAN, 2008. p. 8)

Além disso, tomemos como base os adolescentes: suas brincadeiras que outrora aconteciam nas ruas foram substituídas por algumas horas diante da tela do computador ou celular, por selfies, por jogos virtuais e pelo precoce ingresso nas redes sociais. Desse modo, somos treinados a não mais interagir face-a-face com os outros, mas de proteger nossa subjetividade por trás de uma tela. Ensinamos aos jovens de nossos tempos que eles só podem “ser”, no sentido mais pleno da palavra, enquanto estão *online*.

Por tal situação se repetir constantemente, independente da faixa etária, invalida-se o argumento de que faz parte apenas da adolescência se expor. Tal comportamento não está na esfera do transitório, mas do permanente. Não se trata de um “anseio singular”, mas sim de uma condição geral. Para Bauman, estamos diante de uma “sociedade confessional”:

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver uma sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de se expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da comunicação pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que recusam a confidenciá-las” (BAUMAN, 2008, p. 9-10)

Por trás dessa simples e inofensiva mudança social existe, no entanto, a mentalidade de colocar-se como uma mercadoria na prateleira de um supermercado. Estamos tão acostumados com as leis da “compra e venda” que, inconscientemente, reduzimos nossa humanidade ao estado de produto. Os indivíduos, membros da sociedade confessional, tornaram-se, “ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores [...]” (BAUMAN, 2008, p. 13). Para isso utilizam o máximo de recursos possíveis: efeitos em fotos, frases convincentes, selfies, roupas de marca, tratamentos cirúrgicos e dermatológicos. Tudo para aumentar o próprio valor de mercado.

Para Bauman (2008, p. 20), a corrupção da relação entre os consumidores e o objeto de consumo é tamanha que a fronteira entre os mesmos tende a, cada vez mais, ser

aniquilada: “ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria”. Somos tentados a, cotidianamente, esforçar-nos para sermos “mercadorias vendáveis”, para sairmos da invisibilidade e monotonia da vida e alcançarmos o topo da vitrine.

Outro fator analisado por Bauman é que os ideais sonhados até mesmo pelas crianças estão atreladas à vida virtual e à fama. Vejamos:

Além de sonhar com a fama, outro sonho, o de não mais se dissolver e permanecer dissolvido na massa cinzenta, sem face e insípida das mercadorias, de se tornar uma mercadoria notável, notada e cobiçada, uma mercadoria comentada, que se destaca da massa de mercadorias, impossível de ser ignorada, ridicularizada ou rejeitada. Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (BAUMAN, 2008. p.22)

Tal condição torna-se perigosa para o desenvolvimento sadio da personalidade do indivíduo, ao passo que é estritamente necessário lidarmos com nossas fragilidades, com nossas carências, com nossos limites, com a vida real e imperfeita. Numa sociedade marcada pela rejeição do que é frágil e supervalorização da perfeição, nem sempre há espaço para a reflexão e o conhecimento das sombras da personalidade. Quando sequer há o conhecimento delas, prejudica-se o processo de individuação e, conseqüentemente, o amadurecimento da personalidade.

O ser humano corre o risco de passar a vida toda preso ao exterior, à fama, ao status, em busca de estar na mira dos holofotes e se esquece de priorizar os valores internos que nortearão o seu ser e agir no mundo, e que, inclusive, cooperam para o bem estar social. Em outras palavras, por estar preso às máscaras e ignorar as sombras, buscam-se realidades inacessíveis, colocam-se metas inatingíveis e o indivíduo passa a vida toda em busca de um objetivo inalcançável – pois sequer compreende que os defeitos, erros e contratempos também fazem parte da vida. Além disso, é necessária a conscientização de que o ser humano não tem o controle de tudo e que a vida real não é perfeita como nos contos de fadas.

Quando se trata de relacionamentos e busca pelo parceiro ideal, o assunto torna-se ainda mais gritante e a semelhança ao mercado é ainda mais evidente: não cessam de surgir redes sociais que visam encontrar alguém que atenda aos gostos e necessidades do “comprador”. É possível até mesmo escolher características físicas que mais lhes agradem e delimitar a área de busca do aplicativo. De fato, nos colocamos na prateleira de um

supermercado e o nosso preço varia de acordo com a quantidade de curtidas, que são resultados das características físicas impostas pela sociedade.

Além disso, estamos tão acostumados à agitação, à correria, que as pessoas passaram a ter medo da solidão. Assim sendo, quando alguém escolhe viver “sozinho”, se torna um escândalo. Em pleno século XXI, parece ser inimaginável que, em meio à exposição contínua e profunda, sejamos apenas aquilo que somos, sem vender-nos, sem expor-nos, sem fazer de nossa aparência um rótulo elegante.

Deste modo, podemos concluir que o consumismo de nossos tempos tem influenciado a nossa condição humana, de tal modo que fomos acometidos pela necessidade de também nós nos comportarmos como uma mercadoria. O viés econômico apresentado por Bauman é fundamental para que compreendamos o comportamento dos usuários de redes sociais. No entanto, outros questionamentos podem surgir, tal como: a necessidade de assumirmos regras de mercado como regras de vida devem ser vistas como a causa ou o sintoma do problema? Blaise Pascal nos auxilia neste questionamento com a sua teoria acerca da condição tediosa da vida pós queda adâmica e a busca por divertimento para alienar-se dela.

3.2. O anti-humanismo pascaliano

Ao beber de fontes agostinianas para construir os edifícios de seu pensamento, Blaise Pascal reproduz ideias e valores genuinamente cristãos, salientando o aspecto espiritual do homem. Deste modo, desenvolve uma antropologia pautada em dois momentos: o da completude e incompletude, a felicidade plena enquanto sonhada pelo criador e desfrutado pelo curto instante da vivência do paraíso, em contraposição ao vazio deixado pelo pecado, que impulsiona o homem a passar a vida tentando saná-lo. Em outras palavras, defende que no homem há marcas, vestígios deixados pelos caminhos percorridos pela humanidade desde a sua criação. A felicidade verdadeira era por nós experimentada antes da entrada do pecado mortal no coração de Adão, onde a alma humana estava íntima e verdadeiramente ligada a Deus.

O homem vive, devido à sua decadência, uma eterna nostalgia do estado de harmonia que outrora experimentou. A queda adâmica não representa somente uma ruptura do homem com Deus, mas uma ruptura consigo mesmo, tendo em mente que a autorrealização humana só acontece plenamente por meio do contato com a essência divina.

Estar distante de Deus após a queda adâmica significa, portanto, mergulhar na própria insuficiência. A ausência do criador deixa evidente o vazio e a miséria da criatura. A dicotomia entre a grandeza outrora experimentada e a lacuna sentida na alma do tempo presente são duas faces de uma mesma moeda, fazendo do homem um ser paradoxal. Acredita, portanto, que existe uma causa muito efetiva: “[...] que consiste na infelicidade natural de nossa condição fraca e mortal, e tão miserável que nada nos pode oferecer consolo quando sobre ela refletimos de perto”. (PASCAL, 1999, Fragmento 139, p.66)

As implicações decorrentes de tal vazio são muito significativas. O homem não só experimenta esse vazio interior, mas também tem consciência de que deverá lidar com tal angústia essencial durante toda a vida. Diante de tal sentimento, o homem pode escolher entre dois caminhos: o do mero divertimento ou o da contemplação. Este segundo, embora também seja uma maneira de divertir-se, é considerada mais elevada em relação à primeira.

O divertimento (*divertissement*), tal como o nome diz, refere-se justamente à ação de alienar-se, distrair-se para evitar refletir e sentir a angústia decorrente de sua condição. É um termo próprio do século XVII, que representava uma manobra de estratégia durante uma guerra para fugir do inimigo quando se tem consciência de que é incapaz de vencê-lo.

A angústia (*ennui*), não é um mero sentimento, mas uma condição de existência. É o tédio que impulsiona o homem ao movimento perpétuo na busca pelas coisas.

Nada é mais insuportável ao homem do que o repouso total, sem paixões, sem negócios, sem distrações, sem atividades. Sente então seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. No mesmo instante virá do fundo de sua alma o tédio, a escuridão, a melancolia, a pena, o despeito, o desespero. (PASCAL, 1999, Fragmento 131, p. 64)

Faz-se necessário lembrar também que há uma distinção entre o homem interior e exterior na filosofia pascaliana. Enquanto o primeiro é o que experimenta o vazio, a miséria, o segundo - da exterioridade - é justamente aquele homem que foge de si mesmo e dissolve sua interioridade na paixão da criatura.

Pensemos acerca de todas as imposições feitas aos indivíduos pela sociedade: somos estimulados a moldar o comportamento, o corpo, o conhecimento, a desenvolver certas habilidades reconhecidas uniformemente como boas e a reprimir aquilo que não é visto com bons olhos. Além disso, acrescentemos a obrigação de buscar um emprego

digno de prestígio social e a reputação ilibada, uma condição financeira estável e um relacionamento consistente.

Bastaria tirar-lhe todas essas ocupações; então se veriam a si mesmos, pensariam no que são, de onde vêm e para onde vão. Nunca será demais, assim, ocupá-los nem jamais os distrairemos muito. E é por isso que, depois de sobrecarregá-los de negócios, caso ainda lhes sobre tempo para o descanso, nós os aconselhamos a empregá-lo em divertimentos e no jogo, e a permanecer, sempre, totalmente ocupados (PASCAL, 1999, Fragmento 143. p.71)

Alienar-se de si mesmo é, portanto, a saída encontrada pelo indivíduo para não encarar a miséria de sua existência. Além disso, por não ter o vínculo de amor recíproco com a divindade, amando com amor infinito aquele que é infinito, é que o homem passa a destinar o seu amor aos objetos finitos, evidenciando uma descomunal desproporção.

Por essa razão, os homens que percebem sua condição naturalmente evitam, de todas as maneiras, o repouso, e tudo obram para encontrar a agitação. Não que não tenham um instinto que os pode levar a conhecer a verdadeira beatitude... A vaidade, o prazer de mostrá-lo aos outros. Desse modo, erramos ao criticá-los; o erro deles não seria buscar a agitação se só o fizessem por divertimento; o mal é que a procuram como se a posse das coisas que buscam devesse torna-los felizes à perfeição, e nisso sim, há motivo para classificar tal pretensão como vã; de sorte que, em tudo isso, tanto os que criticam como os que são criticados não compreendem a verdadeira natureza do homem. [...] Não sabem que é a caça e não a presa que procuram. (PASCAL, 1999, Fragmento 139, p. 67)

Para desviar o olhar de si mesmo, o homem busca a agitação, o divertimento. Se deleita com os prazeres que cria, com a vaidade de se mostrar aos outros, tudo isso para evitar o repouso que o leva à realidade de sua angústia. Para Pascal, é ilusão acreditar que a posse das coisas trará felicidade. Um exemplo deixado por ele é o da caça: no fundo, o que satisfaz o caçador não é o objeto caçado, mas sim o ato de estar alienado, distraído caçando. Da mesma forma, o exemplo da caça também é utilizado ao se referir ao trabalho dos filósofos:

Aí está tudo o que os homens foram capazes de inventar para se sentirem felizes. E a atitude dos filósofos, que acreditam ser o mundo pouco razoável por passar o dia inteiro perseguindo uma lebre que ninguém quereria comprar, demonstra que eles nada sabem de nossa natureza. Essa lebre não nos livra da visão da morte e das misérias, mas

a caça – que nos desvia dela – dela nos livra. (PASCAL, 1999, Fragmento 139, p. 66-67)

Deste modo, a busca humana por realizar determinadas ações não está tão atrelada ao seu fim último – a concretização – mas sim ao prazer de gastar tempo empregando suas forças, alienando-se de si mesmo para não enxergar o vazio de sua existência.

Embora a busca pelo divertimento seja natural ao homem, ela não é determinante. Há no indivíduo a possibilidade de recusar a sua própria condição divertida, desprendendo-se de suas misérias e abrindo-se ao divino. Torna-se, portanto, fundamental a capacidade humana de negar seus instintos e escolher por vontade própria. Tal como o trampolim é usado pelo atleta para impulsionar seu movimento, é pela recusa de seu estado divertido e tendo consciência de sua insuficiência que o homem se abre para o divino. Além disso, há também o auxílio da Graça de Deus, que jorra luz à vida humana. Aqui a Graça representa algo concreto e não mera abstração: é a manifestação da misericórdia divina revelada ao homem.

O papel do personagem, que em Carl G. Jung é atribuído aos arquétipos, aqui faz parte da existência divertida do ser humano:

Não nos satisfazemos com a vida que temos em nós e no nosso próprio ser: desejamos viver na ideia dos outros uma vida imaginária, e, para isso, esforçamo-nos por fingir. Trabalhamos incansavelmente para embelezar e conservar nosso ser imaginário e negligenciamos o verdadeiro. (PASCAL, 1999, Fragmento 147, p.72)

Se para Bauman é facilmente identificável que a exposição exacerbada – sobretudo nas redes sociais – está atrelada à influência do regime econômico capitalista, não nos parece equivocado fazer um paralelo com Pascal e compreender que as redes sociais se tornaram mais uma forma de divertimento e, talvez, a mais popular de nosso tempo.

Numa compilação da análise sociológica de Bauman unida à filosofia de Pascal, podemos concluir que a questão econômica é um sintoma de uma inquietação que está mais intrinsecamente ligada ao interior do homem. Só é possível que o homem se comporte como uma mercadoria e utilize máscaras para isso porque antes é necessário que ele esteja buscando ativamente uma fuga de quem ele realmente é. Em outras palavras, a teoria de Pascal permite demonstrar que o comportamento apontado por

Bauman não diz respeito apenas à influência capitalista, mas de uma condição de vida da qual não podemos nos distanciar completamente.

Mas, afinal, existem outras justificativas para esse vazio existencial além da queda adâmica apresentada por Pascal? Seria possível explicar tal vazio por um viés diferente, alheio à visão cristã? Entendemos que é possível encontrar tal resposta na obra de Frankl e seu olhar à luz da Psiquiatria.

3.3. O vazio existencial em Frankl

Afinal de contas, o que faz de nós seres humanos? Seria possível que em determinada situação a vida se torne tão vazia de sentido que até mesmo a condição humana desapareça diante de nossos olhos? Em última instância, qual o sentido da vida? Sobre esta última questão, Frankl escreve:

Duvido que um médico possa responder esta questão em termos genéricos. Isto porque o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento (FRANKL, 2017, p.133).

Parece-nos ser justamente esta a maior questão respondida por Frankl durante sua estadia nos campos de concentração. Tendo sido prisioneiro durante 13 anos (1932 a 1945), pôde ver de perto o conhecimento decorrente de seus anos de estudos de psiquiatria diante de seus olhos: paranoias, adoecimento psíquico, risco iminente de suicídio. Além disso, sua teoria nos alerta acerca da necessidade de ter um objetivo na vida, um rumo para o qual queremos e devemos caminhar. Quando não existem mais objetivos, a vida perde o sentido. “Quem tem *por que* viver aguenta quase todo *como*”. (NIETZSCHE apud FRANKL, 2017. p. 101)

O vazio existencial é um fenômeno muito difundido no século XX. Isso é compreensível; pode ser atribuído a uma dupla perda sofrida pelo ser humano desde que se tornou um ser verdadeiramente humano. No início da história, o ser humano foi perdendo alguns dos instintos animais básicos que regulam o comportamento do animal e asseguram sua existência. Tal segurança, assim como o paraíso, está cerrada ao ser humano para todo o sempre. Ele precisa fazer opções. Acresce-se ainda que o ser humano sofreu mais outra perda em seu desenvolvimento mais recente. As tradições, que serviam de apoio para seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez. Nenhum instinto lhe

diz o que deve fazer e não há tradição que lhe diga o que ele deveria fazer; às vezes, ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem (conformismo) ou ele faz o que as outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo). (FRANKL, 2017. p. 131)

Deste modo, podemos concluir que o mundo ao nosso redor pode nos influenciar de muitas maneiras, com implicações até mesmo relacionadas à visão que temos acerca de nós e do mundo, gerando neuroses e questionamentos como consequência. Partindo disto, Frankl (2015, p. 9) desenvolve a teoria de que a frustração de nossos tempos já não está mais atrelada à sexualidade, como nos tempos de Freud, e nem à inferioridade, como nos tempos de Adler⁷. Frankl ressalta que as teorias propostas por ambos os autores têm por objetivo fornecer uma resposta aos questionamentos e necessidades de seu tempo. Conforme o entendimento de Frankl, Freud considera que grande parte dos problemas encarados pela vivência humana estava relacionado à sexualidade, que era compreendida como uma espécie de força motora e causadora de neuroses nos indivíduos. Por outro lado, lembra Frankl, a teoria freudiana é questionada por Adler, que atribui o lugar que era ocupado pela sexualidade à vontade de poder. Frankl (2015, p. 9) compreende que “cada época tem suas neuroses e cada tempo precisa de sua psicoterapia”. Estamos diante da frustração existencial, em que a vontade de sentido se encontra frustrada, especialmente nos jovens.

Frankl (2015, p. 22) aponta que, enquanto para Freud o questionamento acerca do sentido de sua existência já era o suficiente para configurar um sintoma patológico, na teoria desenvolvida com base na experiência do campo de concentração, tal questionamento é considerado especificamente humano. Diz Frankl (2017, p. 128): “A preocupação ou mesmo o desespero da pessoa sobre se sua vida vale a pena ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental”. É justamente o questionamento acerca do sentido de sua existência que caracteriza o ser humano como verdadeiramente humano. Vejamos:

Certa vez, Freud escreveu numa carta o seguinte: “No momento em que alguém se pergunta pelo sentido e valor da vida, este alguém está doente, porque os dois problemas não existem de forma objetiva; a

⁷ Em suma, cada um dos autores aqui apresentados por Frankl buscou dar uma resposta aos questionamentos e necessidades de seu tempo. Para Freud, grande parte dos problemas encarados pela vivência humana estava relacionado à sexualidade, que era compreendida como uma espécie de força motora e causadora de neuroses nos indivíduos. Tal teoria é questionada por Adler, que atribui o lugar que era ocupado pela sexualidade à vontade de poder.

única coisa que se pode reconhecer é que se tem uma provisão de libido insatisfeita”. Pessoalmente, não posso acreditar nisso. Julgo que não só é algo especificamente humano perguntar-se pelo sentido da vida, senão que é também próprio do homem colocar esse sentido em questão. (FRANKL, 2015. p. 23)

A vontade de sentido, como pensada por Frankl, representa justamente a motivação primária de nossa existência. Esta motivação não está atrelada a meros mecanismos de defesa, mas sim à objetivos concretos, específicos, pessoais, encontrados e não produzidos. A vontade de sentido representa, portanto, um “para quê” viver. Está intimamente enraizada no homem, fazendo com que o mesmo seja capaz de viver e morrer em defesa de seus ideais e valores.

Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. Falando em termos filosóficos, poder-se-ia dizer que se trata de uma revolução copernicana. Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora – perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa senão arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento. (FRANKL, 2017. p. 101-2)

Com efeito, a existência humana aponta sempre para além de si mesma, aponta sempre para um sentido. Nesse aspecto, a existência não é para o homem um empenho pelo prazer ou pelo poder, nem tampouco pela autorrealização, mas antes pelo cumprimento de um sentido. Na Logoterapia falamos de uma vontade de sentido. (FRANKL, 2015. p. 87)

A frustração é uma das formas da vontade de sentido se apresentar. Ao definir a frustração existencial, Frankl recorre justamente a este sentimento de ausência de sentido de sua própria existência. Além disso, compreende que esse sentimento de frustração existencial pode ser a causa de muitas doenças psíquicas, e se esconde por trás de máscaras de comportamentos desordenados como o totalitarismo, a busca exacerbada por poder, dinheiro, *status*, além da perda de sua identidade individual, a comum frustração sexual e de dependências químicas.

Não obstante, apesar do mundo nos influenciar, não nos condiciona. Frankl pode afirmar isto com propriedade, pois viu de perto e experimentou em si mesmo durante o tempo em que fora prisioneiro dos campos de concentração. Afirma que, em última instância, o ser humano é autodeterminante, pois possui a capacidade de sujeitar-se ou a resistir aos condicionamentos externos. Em suma, pode-se privar o ser humano de tudo, menos de liberdade.

Sendo professor em dois campos, neurologia e psiquiatria, sou plenamente consciente de até que ponto o ser humano está sujeito às condições biológicas, psicológicas e sociológicas. Mas além de ser professor nessas duas áreas, sou um sobrevivente de quatro campos – campos de concentração – e como tal também sou testemunha da surpreendente capacidade humana de desafiar e vencer até mesmo as piores condições concebíveis. (FRANKL, 2017. p. 152)

Acrescenta ainda que “sempre e em toda parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores.” (FRANKL, 2017. p. 91). Partindo disto, até mesmo a dor e o sofrimento decorrentes das torturas praticadas nos campos de concentração nazista podem contribuir para a integração do ser humano, transformando a dor em aprendizado. “Ao cumprir um sentido, o homem realiza a si mesmo. Se cumprimos o sentido do sofrimento, realizamos o que de mais humano o homem tem; amadurecemos, crescemos – crescemos para além de nós mesmos”. (FRANKL, 2015. p. 30)

A vida humana está, portanto, atrelada à capacidade de superar as dificuldades e a si mesmo, independente de qual situação esteja enfrentando. Está atrelada à capacidade de encontrar um sentido para viver e – a partir daí, lutar para que esse sentido seja o fio condutor de sua existência. Somente pautando nisto é que podemos falar de “realização humana”, pois esta é justamente a consequência da realização do sentido de sua vida.

O que o homem necessita não é de uma vida sem tensões, mas sim de um objetivo que seja sólido o suficiente para o impulsionar a viver ainda que haja tensões. “Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício.” (FRANKL, 2017, p. 137)

Num tempo onde a vontade de sentido está cada vez mais difícil de ser suprida, podemos nos questionar se a solução para a frustração existencial não estaria na possibilidade de atribuirmos um sentido comum a todos os homens. Diante deste questionamento, Frankl compreende não ser possível fazê-lo, já que dar um sentido implica, impreterivelmente, em moralizar. Além disso, ainda que não moralizasse, o

sentido deve ser pessoal e não coletivo, pois poderíamos cair no erro do totalitarismo. O sentido da vida, portanto, não pode ser imposto ou apontado coletivamente. Deve ser encontrado de maneira pessoal.

Paralelamente a Pascal, podemos perceber que mesmo no campo de concentração os prisioneiros utilizavam da dinâmica do divertimento, buscando nas artes o consolo para suas dificuldades. Alegregar-se estaria acima até mesmo de suas necessidades fisiológicas básicas e de seu cansaço mental e físico.

Arte no campo de concentração – será possível isso? Claro, depende do que se chama de arte. Vale dizer que vez por outra havia inclusive teatro improvisado. Desocupava-se provisoriamente um barracão, improvisavam-se alguns bancos de tábuas e elaborava-se um “programa”. E à noite vêm aqueles que passavam relativamente bem no campo, como por exemplo os *capos* ou os trabalhadores internos que não precisavam marchar para o trabalho externo; eles vêm para rir ou chorar um pouco, em todo caso para esquecer. Apresentam-se algumas canções e recitam-se poemas, contam-se ou apresentam-se cenas cômicas, ou mesmo sátiras alusivas à vida no campo de concentração, tudo para ajudar a esquecer. E realmente ajuda! Ajuda a tal ponto que alguns prisioneiros comuns, não privilegiados, vêm para esse teatro, mesmo exaustos da labuta do dia, e mesmo perdendo por isso a distribuição da sopa. (FRANKL, 2017. p. 59)

Vemos, portanto, que o questionamento acerca da existência é tão arraigado na teoria de Viktor Frankl que culminou no surgimento da Logoterapia – uma abordagem psicoterapêutica com base no sentido da vida, que deve ser encontrado de maneira pessoal, quer na imanência, quer na transcendência.

Por ser necessário analisar o indivíduo por completo – com todos os seus desejos, anseios, necessidades e crenças – a Logoterapia também se preocupa em compreender e enxergar o papel da experiência religiosa na vida dos indivíduos:

A psicoterapia deve mover-se, portanto, aquém da fé na revelação, e a pergunta do sentido deve dar uma resposta aquém da linha que separa de um lado a concepção teísta do mundo e, de outro, a concepção ateísta. Mas se essa pergunta compreende o fenômeno da fé não como uma fé em Deus, senão como a fé num sentido mais amplo, então é perfeitamente legítimo debruçar-se sobre o fenômeno da fé e ocupar-se dele. E isso casa perfeitamente com a afirmação de Albert Einstein que disse, certa vez, que um homem que encontra uma resposta à questão do sentido da vida é um homem religioso. (FRANKL, 2015, p. 87-88)

3.4. Espiritualidade, silêncio e busca de sentido

Analisar a vivacidade do comportamento religioso dos prisioneiros do campo de concentração foi o suficiente para que Frankl compreendesse que, embora existisse um comportamento primitivo, havia em alguns a tendência para a vivência da interioridade.

O interesse religioso dos prisioneiros, quando surgia, era o mais ardente que se possa imaginar. Não era sem um certo abalo que os prisioneiros recém-chegados se surpreendiam com a vitalidade e profundidade do sentimento religioso. [...] Pessoas sensíveis, originalmente habituadas a uma vida intelectual e culturalmente ativa, dependendo das circunstâncias e a despeito de sua delicada sensibilidade emocional, experimentarão a difícil situação externa no campo de concentração de forma, sem dúvida, dolorosa; essa, não obstante, terá para ela efeitos menos destrutivos em sua existência espiritual. Pois justamente para essas pessoas permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior. Essa é a única explicação para o paradoxo de, às vezes, justamente aquelas pessoas de constituição mais delicada conseguirem suportar melhor a vida num campo de concentração do que as pessoas de natureza mais robusta. (FRANKL, 2017. p. 51; 53)

A quantidade de doenças, além de sofrimentos psíquicos e físicos, era enorme nos campos de concentração. O índice de suicídio era altíssimo e, segundo Frankl, a câmara de gás não representava um horror aos internados, mas sim “algo que o poupa de cometer suicídio” (FRANKL, 2017. p.33). Encontrar um sentido para viver num ambiente assim pode parecer, sem dúvidas, um enorme desafio. Nas palavras de Frankl: “somente sucumbe às influências do ambiente no campo, em sua evolução de caráter, aquele que entregou os pontos espiritual e humanamente.” E acrescenta ainda: “Mas somente entregava os pontos aquele que não tinha mais em quem se segurar interiormente!” (FRANKL, 2017. p. 93)

A Logoterapia, tal como pensada por seu fundador, enxerga o homem como essencialmente espiritual (FRANKL, 2015, p.82). Além disso, não se preocupa apenas com a vontade de sentido, “mas também com a vontade de um sentido último, com um suprasentido, como costume chamá-lo; e a fé religiosa é, afinal de contas, uma fé nesse suprasentido – uma confiança no suprasentido.” (FRANKL, 2015. p. 89). É importante salientar que a fé não é algo obrigatório no processo terapêutico, mas, quando existente, deve ser trabalhada, pois é parte constituinte da personalidade do indivíduo.

Para a Logoterapia, a religião pode ser um objeto – não uma posição. A religião é um fenômeno do homem, do paciente, um fenômeno entre outros fenômenos que encontra a Logoterapia. No entanto, para a

Logoterapia, tanto a existência religiosa como a irreligiosa são, em princípio, fenômenos coexistentes. Em outras palavras, a Logoterapia deve assumir perante elas uma atitude neutra. (FRANKL, 2015. p. 85)

Diante do questionamento do “para quê”, abre-se o questionamento “diante de que”, buscando algo que seja considerável o nosso “ser-responsável”. “É preciso deixar ao paciente a decisão de como interpretar o seu ser-responsável; como ser-responsável diante da sociedade, diante da humanidade, diante da consciência ou diante não de algo, mas de alguém, diante do divino” (FRANKL, 2015. p. 87);

Não obstante, possuir uma crença religiosa não é garantia de que o indivíduo terá necessariamente um “porquê” para enfrentar a vida. Também é verdade que alguém que não possui crenças religiosas possa, sem sombra de dúvidas, apoiar seu objetivo de vida numa causa imanente.

É notório que por meio do silêncio, da introspecção, o ser humano muitas vezes consegue solucionar suas questões internas, encontrar um porquê para encarar o mundo todos os dias. Para isso, a religião se torna um recurso muito singular, porém não o único. O sentido da vida, como bem nos ensina Frankl, está para além das normas, dos enquadramentos. É algo que deve ser encontrado, sem, porém, ser produzido. O sentido apresentado por Pascal diz respeito aos que congregam da fé cristã, mas os que não possuem a mesma crença não estão obrigados a segui-la.

Segundo o autor⁸ de *Relatos de um Peregrino Russo*: “o que acontece é que estamos longes de nós mesmos e não nos interessa aproximarmo-nos, estamos sempre fugindo para não nos encontrarmos face a face com nós mesmos [...]” (GUISE, 2013, p. 113)

Num tempo onde prevalece o ruído, silenciar é quase um martírio. Gritamos, balbuciamos, conversamos, compartilhamos, enviamos, curtimos, comentamos, nos ocupamos em manter a mente sempre ligada, bem como a boca e dedos sempre prontos para nos expressar. Não obstante, é somente por meio do silêncio que o ser humano consegue atingir o seu lugar mais íntimo.

Pessoas que escolhem viver desse modo, ou seja, nadar contra a maré, silenciar em meio a tanta gritaria, tendem a ser excluídas e vistas com estranheza, como bem nos lembra Bauman (2008). Os monges, cuja vida reclusa é escândalo aos nossos tempos, talvez tenham algo a nos ensinar: o silêncio nos abre os olhos para contemplar nossa

⁸ A obra em questão representa um clássico da espiritualidade cristã ortodoxa. Sua autoria é desconhecida, porém sua escrita é atribuída ao século XIX.

verdade. O Cardeal Robert Sarah, ao dialogar com Nicolas Diat (2017, p.34), explicita: “O descrédito em que a sociedade moderna lançou o silêncio é o sintoma de uma doença grave e preocupante”.

Já segundo Frankl, o ritmo acelerado que vivemos nossa vida pode ter algo a nos mostrar, além de salientar os caminhos percorridos pela contemporaneidade frente à inércia. “Vivemos em uma época de crescente tempo livre. Mas há um tempo livre não só em relação a algo, senão também para algo; o homem existencialmente frustrado, todavia, não sabe com que ou como poderia preenchê-lo.” (FRANKL, 2015. p. 71). E acrescenta:

Devemos salientar que existe igualmente um *horror vacui* – o medo do vazio – que acontece não apenas no domínio físico, mas também no domínio psicológico. Na tentativa de dominar o vazio existencial com o barulho dos motores e a embriaguez da velocidade, observo o dinâmico psíquico *vis a tergo* do rápido e crescente aumento da motorização. Considero o ritmo acelerado da vida de hoje como uma vã tentativa de automedicação da frustração existencial; pois, quanto menos conhece o homem a finalidade de sua vida, mais ele acelera o ritmo com o qual a segue. (FRANKL, 2015. p. 71)

Deste modo, o medo de vazio – apresentado por Frankl – em muito se assemelha ao conceito pascaliano de divertimento. Analisando ambas teorias, pode-se concluir que a agitação do dia a dia e a busca por completar todos os espaços vagos da vida com atividades são, essencialmente, uma maneira do indivíduo alienar-se de sua própria condição para encarar a vida.

Não obstante, o uso exacerbado de redes sociais, tal como apresentado por Bauman, pode ser um sintoma de tal inquietação. O indivíduo tende a preencher o seu tempo para não se deparar consigo mesmo e com seu vazio existencial. Cadastra-se nas diversas redes sociais e alimenta seus perfis para preencher o tempo livre e fugir do tédio que lhe é insuportável. A agitação seria, portanto, uma espécie de resistência inconsciente diante da problemática para não enxergarmos a realidade nua e crua.

Considerações finais

É fato que a quantidade de curtidas se tornou, em nossa sociedade, um parâmetro qualitativo. Quanto mais retorno de reações a pessoa recebe, maior o seu prestígio e a sua visibilidade na mídia, mas não somente. Usuários acreditam ter menos valor - não

somente comercial, mas ontológico - em relação a outros indivíduos de maior destaque e visibilidade.

Como dito anteriormente, a vida apresentada nas redes sociais por aqueles que querem passar uma boa imagem de si mesmo tende a ser maquiada. Disso decorrem muitas implicações, tais como: a autocomparação, a ansiedade, a frustração, a insatisfação com o próprio corpo, levando a mutilações e procedimentos estéticos.

Constroem-se parâmetros – paradigmas, normativas, expectativas, objetivos infundados e desumanos – e tudo aquilo que há fora da norma passa a não ter mais valor. Só se pode aceitar os que se enquadram em características físicas e de personalidade pré-determinadas pela sociedade. Tudo o que está além disso é descartado e visto com maus olhos.

Atribui-se valor ao que é fictício, ao que se enquadra nas normas. Na “ditadura da felicidade” – na qual todos estão obrigados a estarem sempre preenchidos e com um sorriso estampado no rosto – é necessário o detrimento do que é real. Não há espaço para a realidade nua e crua, com seus contratempos, misérias, desilusões, falhas e frustrações.

Em nossa sociedade não há espaço para fragilidades. Não há espaço para tocar o que é verdadeiramente humano, o que é natural, o que é defeito, o que é limitação. Somos forçados, coagidos a buscar uma vida inexistente e inacessível e, sobretudo, a olhar sempre para fora, como se os conteúdos internos tivessem pouco ou quase nenhum valor.

Não há espaço para reflexão, muito menos para o silêncio. Pensar no sentido da vida soa como tortura aos que esperam ansiosamente por uma folga no final de semana, assim como para aqueles que se desgastam física e mentalmente para prover o autossustento e o de seus familiares.

A Pirâmide de Maslow⁹ já nos lembra acerca dos conteúdos mais facilmente saciáveis, em comparação aos que dificilmente são satisfatoriamente preenchidos. Ao que nos parece, delimitar o sentido de nossa existência está dentre os objetivos mais complexos a serem atingidos, pois estão intimamente ligados à autorrealização. Vivemos a busca da perfeição, mesmo sabendo que a condição humana é justamente a negação do que é perfeito.

⁹ Para Abraham Maslow (1954), o ser humano possui uma hierarquia de necessidades que podem ser demonstradas por meio de uma pirâmide. Na base da figura geométrica estão os elementos mais fundamentais e necessários para a sobrevivência, enquanto no topo ficam as menos necessárias e mais difíceis de serem atingidas. Em ordem, da base ao topo, estão: necessidades fisiológicas, segurança, relacionamentos, autoestima e autorrealização.

Sob a ótica de Pascal – e numa tentativa de atualizar sua teoria ao nosso tempo – é possível relacionar o comportamento dos usuários à sua condição de vazio. Por não admitir a sua real condição, distrai-se com o cenário fictício apresentado pela mídia e toma-o como sendo o sentido e objetivo de sua existência. Como Frankl (2015, p.9) dizia: “Cada época tem suas neuroses e cada tempo precisa de sua psicoterapia.” A do nosso tempo é justamente a do “sentimento de vazio interior, razão pela qual tendo a falar de um vazio existencial”. Numa tentativa de fazer um paralelo com o comportamento dos usuários das redes sociais, não nos parece equivocado concluir que o uso exacerbado e inconsequente das mesmas representa uma manifestação de tal vazio.

Aos olhos de Bauman, podemos explicar o comportamento dos usuários de redes sociais pelo viés comercial: por estarmos acostumados às leis de compra e venda, sentirmo-nos mercadorias e alteramos nossas características individuais para adotar aquilo que pode ser melhor visto em sociedade, numa eterna tentativa de vender a própria imagem. Para Pascal, a busca por diversão é consequência de a vida ser essa eterna luta para nos alienarmos de nosso sofrimento decorrente da queda adâmica.

Aplicando a teoria de Frankl aos tempos atuais, a origem de tais comportamentos (inclusive os apontados por Bauman no âmbito financeiro e por Pascal no plano espiritual) são perfeitamente possíveis de serem explicados pelo viés psicológico, onde o atual sentido da vida não está nem no dinheiro nem no divertimento, mas justamente na falta de um sentido para viver. Ao que parece, igualar-se à mercadoria e viver a nostalgia de um tempo não experimentado podem não ser a causa, mas sim sintomas de um problema ainda mais complexo, atrelado ao *telos* do ser humano. Por não reconhecer sua existência como dotada de sentido, corre o risco de não tomar as rédeas de sua vida e seguir a corrente vigente na sociedade, dissolvendo sua individualidade na coletividade.

Referências

- BAUMAN, Z. *Vidas para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FRANKL, V. *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- _____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GUISE, K. A. (Trad.). *Relatos de um peregrino russo*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HALÍK, T. *A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incerteza*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JUNG, C. G. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. *O Desenvolvimento da Personalidade*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

- MASLOW, A. H. *Motivation and personality*. New York, Harper, 1954.
- MORAES, J. A. *O paradigma da complexidade e a ética informacional*. Tese (Doutorado em Filosofia) – IFCH, Unicamp, Campinas, 2018.
- PASCAL, B. *Pascal: vida e obra*. São Paulo: Nova Cultura, 1999. (Os Pensadores).
- C.M. PORTO; M.B.D.S.M. PORTO. A evolução do pensamento cosmológico e o nascimento da ciência moderna. *Revista Brasileira do ensino de Física*, v. 30, n. 4, p. 4601. 2008.
- SARAH, R; DIAT, N. *A Força do Silêncio*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.
- SILVEIRA, N. *Jung: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- SILVERSTEIN, S. *A parte que falta*. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2018.

Recebido em: 15/02/2020

Aprovado em: 19/03/2020